

editorial

1º de Maio

Na política neo-liberal ditada pelo Grupo dos Sete e obedecida à risca pelos governos dos países "emergentes", velhas práticas do início do capitalismo vem à tona travestidas de "neo".

O governo Fernando Henrique Cardoso anuncia um salário mínimo de R\$ 120 a partir de maio. Tenta fazer passar uma reforma da previdência que eleva para 60 anos (mulheres) e 65 anos (homens) o limite de idade para aposentadoria, num país onde a expectativa de vida da população é de 67 anos (uma das mais baixas do mundo) e onde o índice de desemprego cresce assustadoramente.

A exploração, o desemprego, o trabalho escravo, a perda da dignidade, é o que o neo-liberalismo aponta para os trabalhadores em todo o planeta, até mesmo do dito Primeiro Mundo.

A realidade brasileira todos conhecemos. Esbarra-nos nela diariamente quando vemos uma criança abandonada na rua, um velho pedindo esmolas, uma índia sentada na calçada com os filhos pequenos, tão distante do seu habitat, da sua cultura. Quando teimamos em não vê-la, ela invade a nossa sala na forma de massacres de trabalhadores na cidade e no campo e de meninos que não puderam pagar a passagem do ônibus, de índio queimado vivo na madrugada brasileira, materializando da forma mais brutal o Primeiro Mundo destruindo o Terceiro Mundo. Mas afinal, que mundos são estes, eles existem ou o mundo é um só. Não serão estas apenas denominações ditadas pelo ideário neoliberal para disfarçar a dominação do capital sobre o trabalho?

Nós conhecemos a história do dominador. Ela se apresenta pontilhada de sucessos pessoais, ganhos financeiros, prêmios, respeito da sociedade e é tão divulgada, que faz com que muitos de nós queiramos ser um desses homens respeitáveis que conseguem vencer na vida à custa da exploração, seja de mão-de-obra, seja nas cirandas financeiras. O dominador também conhece a nossa história, sabe que é uma história de luta, de resistência. Sabe que a força do trabalho é mais forte que o capital, pois é dela que

provém o capital. Por isto não se cansa de tentar se apropriar da nossa história e de mostrá-la sob a sua ótica.

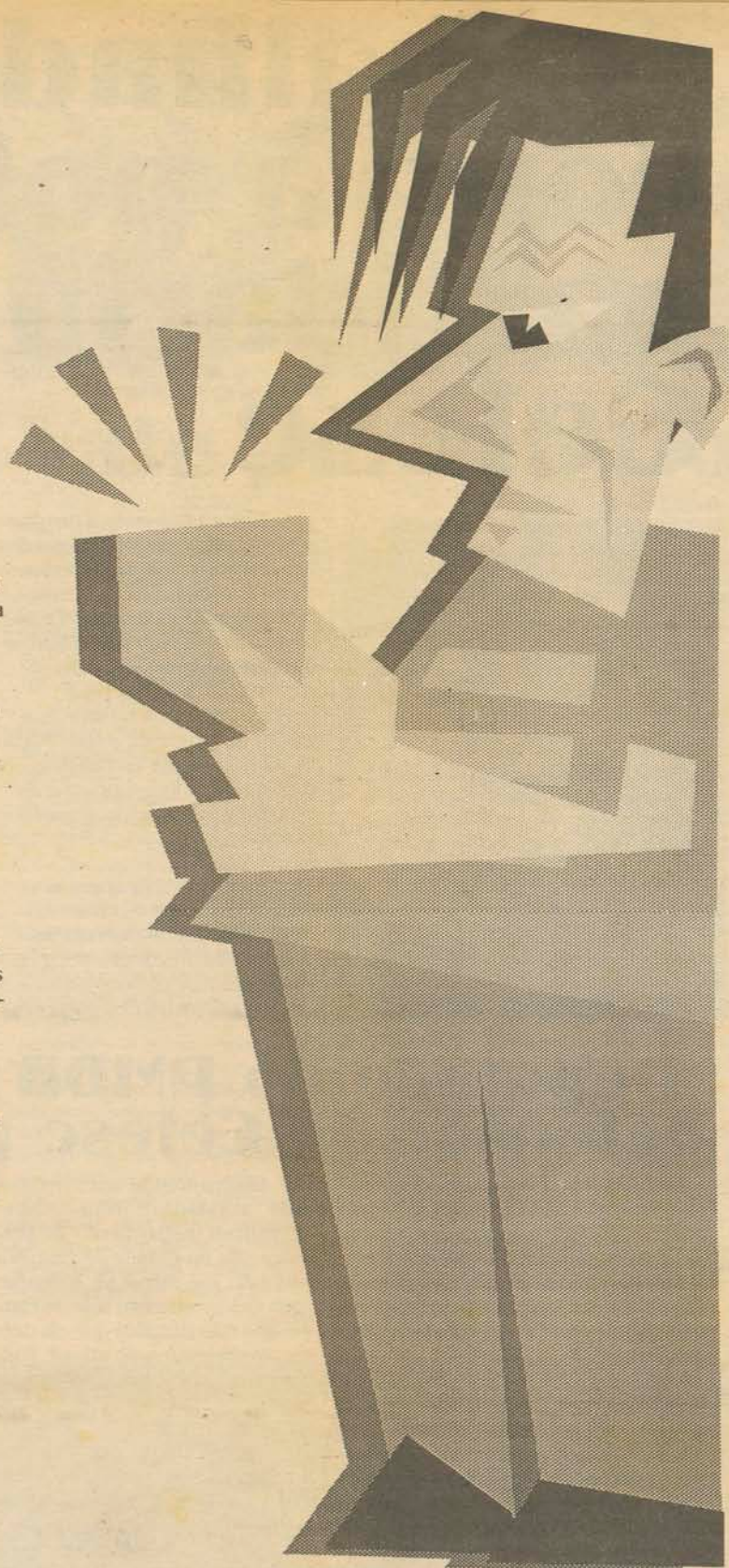
O que fazer neste 1º de Maio? Lamentar ou refletir? E refletindo, aceitar ou resistir?

Alguns caminhos estão apontados por alguns segmentos da sociedade organizada. Os Trabalhadores Sem Terra mostraram ao mundo que eles existem, a resistência à privatização da Vale demonstra que há brasileiros que amam o Brasil. A ação inicial é resistência. E resistência pressupõe luta, solidariedade, união.

Por que 1º de Maio?

Na tradição camponesa, maio, que na Europa representava o fim de um longo inverno, era o mês da renovação dos contratos, época de arrendamento de terras e troca de criados, ao mesmo tempo em que mudava a vegetação, por tudo isto acarretando muitas mudanças. Influência subjetiva ou não maio passa a ser um mês operário. Mês no qual se aglutinaram o maior número de greves, de lutas operárias.

Anos mais tarde, por volta de 1850, a jornada de trabalho chegava a 18 horas diárias. Nesta época os trabalhadores não eram tão organizados, mas alguns já conheciam o Manifesto Comunista de Karl Marx, publicado em 1848. Em 1866, decide-se lutar no mundo inteiro por uma jornada de trabalho de 8 horas. No dia 1º de maio, em Chicago, EUA, aconteceu a primeira greve geral dos trabalhadores. Nos três dias que seguiram as concentrações foram dissolvidas por policiais. Diversos operários, além de mulheres, crianças e um policial morreram diante da fábrica da Mac Cardick. Estava decretada a guerra aos trabalhadores... Em 1892, a Associação Internacional dos Trabalhadores decide que o dia 1º de maio será comemorado todos os anos em todo o mundo, como o Dia Internacional dos Trabalhadores.



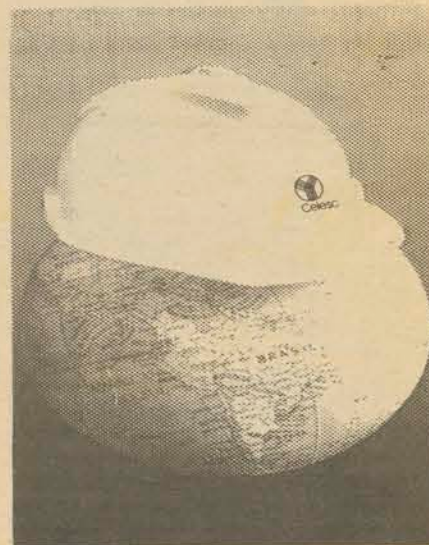
PARTICIPE VOCÊ TAMBÉM DO ATO 1º DE MAIO, DAS 9 ÀS 12 HORAS, NO LARGO DA ALFÂNDEGA, EM FLORIANÓPOLIS.

- * Por mais emprego
- * Por salário mínimo digno
- * Pela defesa das estatais e serviços públicos
- * Pelo Impeachment de Paulo Afonso

Atividades Culturais

- * Show musical com Elizah e Guinha
- * Apresentações de Teatro e Capoeira
- * Exposição de fotos
- * Atividades Recreativas para crianças e adultos.

Trabalhadores contra política partidária na Celesc



Entre as diretrizes propostas pelo primeiro Congresso dos Empregados da Celesc, realizada na Escola sul da CUT, em Florianópolis, nos dias 25 e 26 de abril, reunindo 200 trabalhadores de todo estado, estão a eliminação da influência político partidária na administração da empresa, a elaboração de planejamento estratégico com visão de longo prazo e de um código de ética que norteie as ações da diretoria e empregados da Celesc.

Os encaminhamentos práticos foram o de criar um fundo para dar sequência às conclusões do congresso; a edição da tese guia do encontro com a assinatura dos empregados;

Deputado do PMDB se diz defensor da Celesc pública

O deputado estadual, João Henrique Blasi, do PMDB, foi o segundo palestrante do congresso e se disse defensor da Celesc como empresa pública e portanto contrário a sua privatização - "não há nada que justifique a privatização da Celesc".

Segundo ele, se um dia alguém quiser privatizar a empresa terá primeiro que pedir a aprovação da Assembleia Legislativa. O deputado disse repetidas vezes "lamentar que o governo FHC chantageie os governadores pedindo a privatização das empresas estaduais em troca das dívidas dos estados. Muitos governadores já capitularam".

Tatim também não gosta da privatização

Blasi entende que energia é uma "atividade de infra-estrutura, valioso instrumento de promoção da qualidade de vida, por isso não há como se entender uma Celesc que não seja do estado. Isto não significa que ela deva ser necessariamente estatal. Pode ser uma para-estatal, com plena autonomia administrativa e financeira."

Questionado por diversos participantes do encontro sobre seu voto favorável à criação da Invesc que teve seu capital assegurado por ações da Celesc (episódio que a maioria acredita ter sido a privatização da empresa, já

"A Celesc não precisa ser privatizada", afirmou o presidente da Celesc Paulo Tatim durante sua exposição no último painel do Congresso. Mas apesar disso ele não quis assumir publicamente a questão da privatização da empresa: "cabe ao Governo e à Assembleia Legislativa tomar esta decisão".

Outra menção do presidente é que a Celesc, eficazmente, realiza aquilo que é dever de uma empresa pública. E o reconhecimento foi medido através de

dos; e a criação de um bottom e adesivo "Celesc Empresa Pública - Bom Pra Todo Mundo".

Com este evento os trabalhadores estão cumprindo as responsabilidades de seu papel na gestão da empresa, falando da Celesc em que gostariam de trabalhar, se posicionando contra a sua privatização.

Segundo Paulo Sá Britto, um dos coordenadores do evento, a mais importante descoberta foi de que todos devem se unir em torno da defesa de uma Celesc pública.

No próximo Linha Viva serão apresentados resumos de todas palestras acontecidas no dia 25 e dos trabalhos em grupo realizados no dia 26.



CRAB "arranca" compromisso da Eletrosul

Depois de quatro dias de ocupação, passeatas e acampamento os cerca de 500 manifestantes da Comissão Regional dos Atingidos por Barragens (CRAB) desmobilizaram suas forças no sábado passado, em Itá, após negociação com representantes da Eletrosul. Eles conseguiram, segundo Alvenir Almeida, da coordenação do movimento, o reconhecimento por parte da Eletrosul de que cerca de mil famílias ainda esperam na barranca do Rio Uruguai por uma solução e que outras mil famílias - que se assentaram no local depois de 1987 - sequer foram cadastradas pela empresa. Até as manifestações da semana passada a Eletrosul reconhecia que apenas 500 famílias ainda esperavam indenização e assentamento.

Em 14 de maio representantes da CRAB tem encontro marcado com o Diretor de Planejamento e Construções da Eletrosul, Luiz Zapellini, em Florianópolis para dar seguimento às negociações.

BLECAUTE

Sabotagem de quem?

O ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito, sugeriu no final de semana passado que os dois blecautes ocorridos dias antes nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste possam ter sido motivados "por sabotagem de origem política" e se referiu à privatização do setor que está em processo. Operadores do sistema porém explicaram ao Linha Viva que o que aconteceu foi um proble-

ma técnico de baixa tensão provocado pela falta de investimentos no setor elétrico. "Foi falta de compensação reativa", explica um operador. "Os consumidores industriais possuem motores que puxam a energia reativa do sistema e isto provoca uma queda na qualidade de energia fornecida - fato agravado pela grande carga do dia". Equipamentos como banco de capacitadores e

compensadores síncronos ajudam a evitar este tipo de problemas e são baratos se comparados, por exemplo, com o lucro obtido pela Eletrobrás, no ano passado de mais de R\$ 2 bilhões. Portanto, a alegação de que o problema foi causado pelo desarme do elo de corrente contínua na estação conversora de Ibiúna não é verdade. A saída deste elo é consequência do sucateamento do

sistema. "O que acontece é o sucateamento do setor elétrico. Mas o governo prefere dizer que é sabotagem e que não tem dinheiro para investir. Mas continua "aplicando" em bancos falidos (mais de R\$ 21 bilhões no Proer) e não no que importa", diz Arno Cugnier, diretor do Sinergia, que pergunta: "Sendo assim é sabotagem de quem?"

Ávila frustra negociação

Segunda-feira passada esteve em Florianópolis a prefeita de Mundo Novo Dorcelina Oliveira Folador, que quer que Eletrosul desfaça a venda de uma área comprada pela administração anterior do município. A exigência da prefeita é baseada na imoralidade do negócio que prejudica o pequeno município de 16 mil habitantes situado na fronteira sul de Mato Grosso do Sul e o Paraguai, onde deveria ter sido construída a hidrelétrica de Ilha Grande.

A história do obscuro negócio começa em julho de 96, quando a administração de Mundo Novo comprou da Eletrosul uma área desapropriada para o complexo de Ilha Grande. Por este terreno, que apesar de ser de preservação permanente, e portanto impedido de ser explorado economicamente, a prefeitura se comprometeu a pagar para a Eletrosul R\$ 645 mil. Logo depois de fechado o negócio o antigo prefeito doou a área para um antigo possessor (a empresa Calcáreo do Paraná Ltda - Brasca, um grupo sediado em Cascavel), dono da única rádio de Mundo Novo. O pagamento combinado com a

Eletrosul (que com os juros já subiu para R\$ 800 mil) comprometeu financeiramente a prefeitura. Isto não preocupou o prefeito que estava saindo, mas deixou em maus lençóis a atual administração. Além da inutilidade da compra de uma área em que nada pode ser feito e da sua doação a terceiros foi ainda acertado com a Eletrosul uma inusitada forma de pagamento. A administração anterior de Mundo Novo deu uma procuração que permite à Eletrosul sacar direto da conta municipal o Banco do Brasil. É nesta conta em que município recebe royalties de Itaipu pela inundação de suas terras pela barragem. Isto equivale a R\$ 70 mil a R\$ 90 mil mensais.

Assim que assumiu, em janeiro deste ano, a prefeita sustou o pagamento. A Eletrosul acionou o Banco do Brasil e em março a prefeitura ganhou uma liminar, retendo o repasse dos royalties na conta municipal. Isto porém não interessa ao povo de Mundo Novo que quer poder dispor deste dinheiro e desfazer o negócio com a

Marxismo para todos

Começa nesta quinta-feira, dia 1º, feriado do Dia do Trabalhador, o Encontro Latino-Americano de Revistas Marxistas e o Seminário Internacional-80 anos da Revolução Bolchevique e a atualidade da luta anti-capitalista. O encontro vai até domingo, dia 4, e acontece no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC.

O seminário se propõe a aproximar as iniciativas socialistas, identificando suas facilidades e dificuldades. Para isto foram convidados diversos especialistas em marxismo. Destaque para Atilio Borón, da Argentina, Francisco Teixeira de Fortaleza, Paulo Sérgio Tomolo, Silvia da Rosa, Idaleto Aued de Florianópolis, entre outros.

O encontro também prevê diversas atividades culturais. Quinta, a partir das 18 horas, terá recital com as crianças da Escola Suzuki e Coral da Escola Compas. Na sexta, às 19 horas será aberta a mostra fotográfica sobre "1º de Maio" e lançamento de livros, além da apresentação de filme sobre o MST. Esta promoção é aberta a todos e as inscrições são gratuitas. Informações: (048)331-9330.



Manifestação contra venda da Vale no Rio

Vale por um fio

Nem os 600 advogados contratados para "cassar" liminares, nem os R\$ 300 milhões para "ajudar na venda" conseguiram que o governo FHC leiloasse a Vale do Rio Doce na terça-feira à tarde, quando aconteceu o fechamento desta edição do LV. Porém o BNDES afirmou que, se o governo desejasse, poderia realizar o leilão "até na madrugada de quarta-feira".

O "sentimento toco" de milhões de brasileiros, como se referiu o presidente aos opositores à privatização, prevaleceu. Foram mais de 100 ações contra a venda em todo Brasil, apoiadas por protestos, discursos, xingamentos e pancadaria.

"Como vivemos num mundo hispânico, ibérico, com os artifícios legais, se tem a impressão que o mundo vem abaixo, mas ele não vem", dizia irônico FHC, na segunda-feira. Os "artifícios legais" a que o presidente da República se refere dizem respeito ao papel do Judiciário no episódio. Mas, para os representantes do Judiciário esta "é uma reação à prepotência do governo federal. Já que o poder Executivo não obedece a lei, que cumpra a decisão judicial. Do contrário está desrespeitando a Constituição e, então, é a ditadura", avisou o advogado Celso Antonio Bandeira de Mello, autor da ação que mais preocupava o governo, e que teve liminar concedida ainda na sexta-feira, em São Paulo. Para Mello a quantidade de liminares concedidas "são um sinal de que a cidadania começa a reagir e encontra eco em quem deve aplicar a lei".

Até um órgão governamental, o Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica), vinculado ao ministério da Justiça, se manifestou na segunda-feira contra a venda da Vale. Segundo um relatório do conselho, "o modelo de venda da empresa ameaça a livre concorrência nos mercados de minério de ferro, alumínio, transportes ferroviários e de operações portuárias. Haverá concentração de poder econômico".

As repercussões no exterior (as únicas que interessam FHC) também não foram boas. Segundo o jornal inglês Financial Times, mesmo que o atraso na venda seja pequeno, ele representa um grande constrangimento para o governo.

Das manifestações que começaram a pipocar pelo país ainda na semana passada, as que mais tiveram cobertura da imprensa foram as realizadas na frente da sede do BNDES e da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Além destas, cerca de 200 sem terra acamparam a 200 metros da portaria da Vale, em Carajás, no dia 23 de abril e ameaçavam invadir a área da empresa caso ela fosse vendida.

Hoje, quarta-feira está para ser julgado pelo Supremo Tribunal Federal o Mérito da Ação Direta de Inconstitucionalidade (datada de 1991) contra a venda da Usiminas. Se o Supremo acolher a ação, diz o ministro do STF Ilmar Galvão, "estarão invalidadas todas as privatizações feitas pelo governo com base na lei de privatizações aprovada durante a gestão Collor de Melo".



PUNIÇÕES ABSURDAS

Se mantendo em vista as advertências a empregados da Eletrosul pela participação nas

manifestações do dia 17/04, a direção do Sinergia marcou reunião com Cláudio Ávila na próxima segunda, dia 05, para tratar do assunto.

IMPEACHMENT

Até ontem o Tribunal de Justiça do Estado já somava 25 pedidos pelo Impeachment do Governador Paulo Afonso. O de maior peso, sem dúvida, é o da OAB, aprovado pelos conselheiros na última sexta-feira. Agora é esperar a votação na Assembleia.

DIRETOR IRREGULAR

O diretor financeiro da Eletrosul Delcídio do Amaral Gomez, além deste cargo, acumula também outro: ele é membro do Conselho Administrativo da Enersul. Este fato desrespeita o estatuto da Eletrosul. Por conta disso a Intersul e a Aprosul encaminharam carta à Eletrobrás cobrando as devidas providências.

CEPS 2

Estão abertas as inscrições para o Curso

de Concepção, Estrutura e Prática Sindical 2. O curso vai acontecer dos dias 13 a 16 de maio, das 19 às 22 horas, no Sindicato dos Bancários em Florianópolis e abordará a história do movimento sindical desde 1945 até os dias de hoje, bem como os desafios impostos ao movimento. Interessados, contactar com Viviani ou Adriana no Sinergia até o próximo dia 6.

expediente

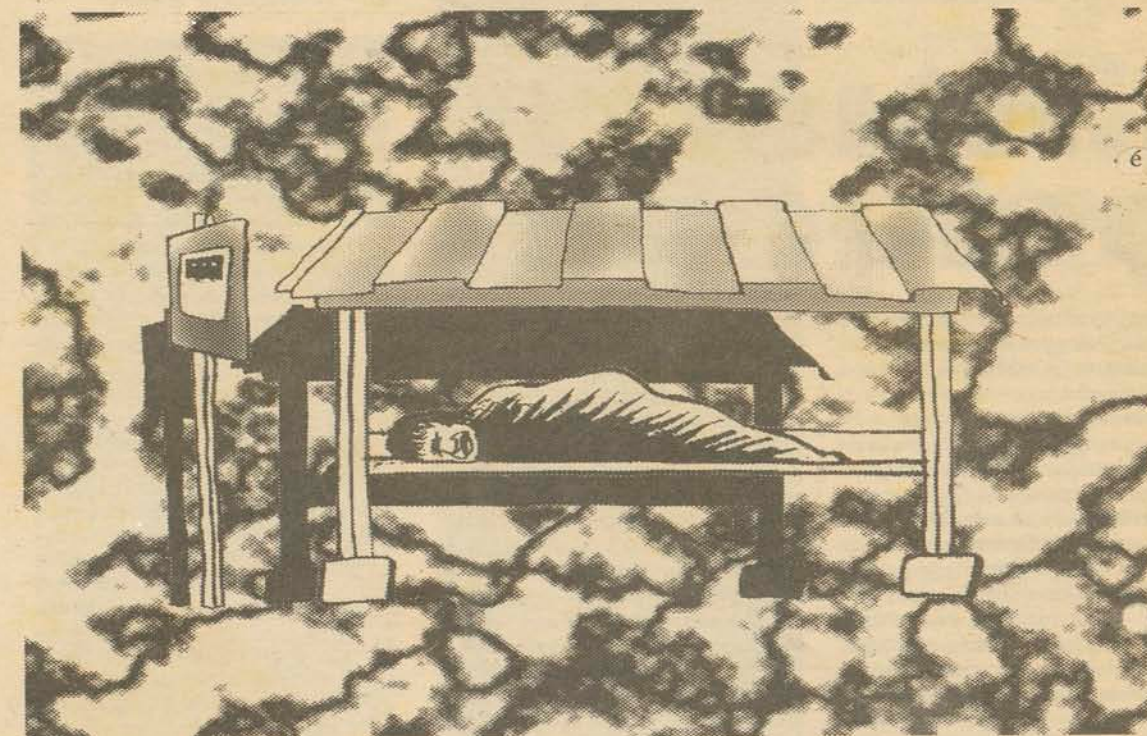
LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricistas de SC. Jornalista Responsável: Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS4966). Redação: Alessandra Mathias. Ilustrações: Frank Maia. Diretoria de Imprensa: Olga Leocadia Vieira. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC CEP 88015-030. Fax (048-224-9104).

Índio, gente, indigente

Kaka Werá

O que é um índio pataxó dormindo dentro da noite aberta no ponto de ônibus da capital do país? O que dormia ali? dormia uma história. Dentro da noite fria de Brasília repousava por um instante quinhentos anos de lutas com o governo geral desta capitania hereditária. Repousava da luta de 1553 quando o então governador geral da Bahia, Duarte da Costa, permitiu que colonos escravizassem e tomassem as terras dos grupos tribais mais próximos dos estabelecimentos coloniais. Repousava de luta de 1557 quando violentos conflitos entre índios e brancos dizimaram grande parte dos tupiniquins do litoral baiano, obrigando 12 mil índios a emigrarem da Bahia em direção ao Peru. Obrigando 60 mil tupinambás, seus parentes mais velhos, a fugir, buscando a proteção da mata junto à foz do rio Madeira; ficando aos que insistiram em continuar no porto inseguro daquela baía o apelido de "pataxó", que significa "o que restou", "a sobra". E o que restou dormia buscando o repouso naquela noite; da luta de 1557 quando chegou Men de Sá, terceiro governador geral, e os pataxós recusaram-se a plantar, com o objetivo de resgatar as terras e a autonomia cultural em que viviam, provocando a fome por toda a província, que dependia do que eles cultivavam; que fez com que o governo reagisse com três atos civilizados: "guerra justa", escravização e conversão. E dos que restaram, ficaram menos ainda. Então, o que dormia ali, na passagem do dia do índio para o dia do descobrimento do Brasil? Um pataxó. O que restou da resistência entre a passagem das longas noites desses dias. Repousando das lutas de 1500, 1600, 1700, 1800, 1900, 1997.

Mas a um cidadão que dorme tendo a noite como teto, a civilização nomeia-o indigente. Curiosa palavra de triste significado, representando a miséria humana. Nosso povo, que sempre habitou a floresta, só



conheceu o espírito dessa palavra com a chegada da civilização, e tem sido dada aos que restaram ainda hoje essa lição de cor cinza e dolorosa, que passeia, urra e dorme pelas noites frias das grandes cidades. E hoje não só índios, mas gente de outras ascendências que fizeram esse país tem suas gerações vivendo a imerecida lição da indigência. Indulgência de quem? Não se questiona. Sente-se que é feio. É tão feio que causa repugnância

levam aos antepassados desses que se escoram no frio das noites? Será que eles não sabem que a beleza dessa cidade foi erguida do suor de muitos dos antepassados desses que gemem sem chão? Será que não sabem que o dinheiro que gastam hoje futilmente tem sido tirado secularmente na forma de aliciamentos, decretos, leis, guerras, epidemias, conversões religiosas; dos antepassados dessa terra hoje chamada Brasil?

enraizada na forma de segregação racial e social, disfarçada pelo neon e pela pompa dessa velha capitania hereditária. Será que não sabem que quinhentos anos de atitudes do conselho, da corte, da mentalidade desse "governo geral" só têm gerado essa indigência cívica? E aquele que restou, o pataxó, naquela noite, só repousava, buscando recompor as forças do guerreiro, para continuar sua luta sagrada pela vida, pelas terras que alimentavam a boca de seus antepassados, que foram tiradas da noite para o dia no ano de 1553, e que dessa data em diante tem alimentado somente a boca dos filhos civilizados, de seus pais e seus governantes.

Kaka Werá, índio txukarramãe, batizado entre os guarani, é coordenador do Instituto Nova Tribo, que trabalha pelo resgate e difusão da cultura nativa brasileira
 Texto publicado na Folha de São Paulo de 23/04/97.

A CONTECE Teatro

O Grupo de Pesquisa Teatral Atormenta está apresentando o espetáculo **CLOWNS** no Teatro da Igrejinha da UFSC. A peça acontece sempre às 20 horas e vai até dia 10 de maio (de sexta a domingo). Eletricitários sócios do Sinergia, pagam R\$ 6,00 apresentando a carteirinha.

Exposição

A Tempo - Relógio em papel artesanal, da artista **Mirian Tesserlli** é a exposição que abre dia 06, às 20 horas no Café Matisse do CIC. O trabalho de Mirian estará à visitação pública até dia 20 de maio.

Cinema do CIC

Dias 1º, 2, 3 e 4 (quinta a domingo) - estarão em cartaz os seguintes filmes:
 17 horas - O Regresso
 19 horas - Shine
 21 horas - Evita
 Dias 5 e 6 (segunda e terça):
 20h30 - Testemunha de Acusação

"Pataxó significa o que restou, a 'sobra'. E o que restou dormia buscando o repouso naquela noite."

aos olhos dos filhos civilizados. Cheira mal. Não combina com as luzes de neon, nem com o colorido das festas dos jovens. Essa miséria humana não lhes pertence, então tomam a atitude de queimá-la. Será que eles não sabem que devem a boa vida que

Será que eles não sabem que a miséria que vêem nada mais é do que o reflexo da miséria do espírito que habita neles e na civilização? E como filhos do poder da civilização caberia-lhes então queimar essa pobreza que habita em suas mentes e cultura,